

A INFALIBILIDADE CIENTÍFICA DA BÍBLIA

Artur T. Pierson

*“Para sempre, ó Senhor,
a Tua palavra permanece no céu”*

Salmo 119.89

Edições Cristãs

© **Edições Cristãs – Editora Ltda.**

A INFALIBILIDADE CIENTÍFICA DA BÍBLIA

Artur T. Pierson

1ª edição brasileira: abril de 2019

Capa: Daniel de Almeida Jané

ISBN:

É proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por qualquer meio, sem a permissão por escrito da Editora.

Publicado no Brasil, com a devida autorização e com todos os direitos reservados, por

EDIÇÕES CRISTÃS – EDITORA LTDA.

Caixa Postal 250

19900-970 - OURINHOS — SP – BRASIL

Endereço Eletrônico: edicoescristas@uol.com.br

Site: www.edicoescristas.com.br

A infalibilidade científica da Bíblia

***“Para sempre, ó Senhor,
a Tua palavra permanece no céu”***

Salmo 119.89

Esta sublime afirmação da estabilidade eterna da Palavra de Deus era o “versículo de Lutero”. Tinha-o escrito a carvão nas paredes do seu quarto de dormir e bordado nos uniformes dos seus criados. As mudanças terrestres não atingem a esfera celestial, pois ali permanece a Palavra de Deus muito fora do alcance de qualquer causa perturbadora. Mesmo a progressiva ciência moderna, que tem abalado as noções dos séculos, não pode provar a falsidade do testemunho da Palavra de Deus.

A Bíblia é um livro notável, seja qual tenha sido a sua origem.

Uma das principais figuras, uma das luzes do século IV, cujo poder de oratória lhe concedeu o nome de Crisóstomo, “garganta de ouro”, e cujas virtudes admiraram e aterrorizaram a corrupta corte de Eudóxia — esse homem, um dos principais filósofos do seu tempo — deu à Bíblia o seu próprio nome, “O Biblos” — O Livro.

Em toda a obra podemos ver o operário — a sua habilidade no manejo das ferramentas, o seu gênio inventivo e o seu gosto para a executar e adornar. O artista respira nas suas telas e fala-nos nas suas esculturas.

Se existe uma obra de Deus, nós esperamos que Ele se expresse e se exhiba nessa obra.

Entrando na Catedral de S. Pedro e colocando-nos por debaixo da vasta cúpula, sentimo-nos maravilhados pelas suas enormes proporções e delicadas decorações. Não admira, foi Miguel Ângelo que a delineou e a decorou.

E, quando no silêncio da meia noite olhamos para a cúpula do céu, e vemos milhares de lâmpadas que ardem por milênios sem se consumirem e que brilham a uma distância incalculável; quando nos lembramos que aquela esteira de luz chamada a “Via Láctea”, são miríadas de estrelas em filas cerradas, tal qual como legiões de guerreiros, dos quais só se pode ver a luz que brilha dos seus capacetes de prata, acreditamos que foi Deus que planejou essa abóbada e escreveu ali o Seu próprio nome em letras de luz. *“Os céus proclamam a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra das Suas mãos”* (Salmo 19.1).

Portanto, se esse Livro é a Palavra de Deus, encontraremos nele provas evidentes da Sua Divina inteligência e intervenção. Encontraremos um tão

grandioso alcance nos Seus ensinamentos que nos lembra um arco do firmamento, uma glória sobre os seus fatos e verdades que sugere o resplendor dos astros solares e das estrelas. Sim, encontraremos aquilo que é elevado demais para se atingir e largo demais para se avaliar. Deus obrigá-nos-á a dizer: *“Não foi, porventura, a Minha mão que fez todas estas coisas?”* (Atos 7.50).

A Bíblia pede-nos que a provemos pela sua análise: Conterá nítidos vestígios de um cérebro mais que humano? Se nada tiver de contraditório com uma mera origem humana, será idolatria chamá-la a Palavra de Deus e tratá-la como se fosse de Divina origem, concedendo-lhe honras Divinas.

Mas se nela encontramos uma tão gigantesca estrutura que nem mesmo uma raça de titãs a poderiam ter construído; se a sua base está tão profunda que nenhum homem poderia cavar e os seus pináculos mais altos do que a altura que qualquer homem jamais atingiu, como poderemos furtar-nos à conclusão e convicção de que o seu autor e criador é o próprio Deus?

A Bíblia tem sido sempre o ponto principal de todas as controvérsias, pois é a chave de todo o sistema do Cristianismo. Tomá-la de assalto, ou miná-la seria o mesmo que abalar o centro do Cristianismo e os postos avançados seguiriam o destino da fortaleza principal. Ultimamente a forma de ataque e a toada do assalto têm mudado. Os descrentes raras vezes a insultam ou a desprezam. Arvoram-se em protetores.

Antigamente atacavam a Bíblia, agora acariciam-na e dizem: “Na verdade é um belo Livro, mas tem os seus defeitos”. O Dr. Pressense disse de Renan: “Ele habilmente mina o Cristianismo, ao mesmo tempo que é profuso no seu elogio; enterra-o em flores. Aproxima-se do sepulcro do Salvador, não para chorar e adorar como fizeram as mulheres das narrativas evangélicas, mas sim para asfixiar com mirra e incenso qualquer centelha de vida da religião de Jesus. Não lhe vibra um golpe com uma espada afiada, não, antes o embalsama. Mas o resultado é o mesmo que lhe fazer um violento ataque”.

O cepticismo moderno, com um altivo ar de profunda sabedoria e dúvida filosófica, aproxima-se da Palavra Divina. Fingindo uma solícita, conscienciosa e imparcial investigação, como se tivesse relutância em não acreditar que a Bíblia é o Livro de Deus, aplica-lhe as suas teorias científicas experimentais e, tal qual como um médico que toma um pulso fraco, ausculta um pulmão arruinado, ou um coração com lesão, volta-lhe as costas com um suspiro de desapontamento e um abanar de cabeça de mau agouro.

E, no entanto, quanto mais vemos o cepticismo científico e filosófico, mais estamos certos de que, como Lord Nelson, tapa o único olho são e declara que não pode ver com o que é cego. Sob toda esta assunção de judiciosa frieza e candura, percebemos uma voluntária supressão da verdade, uma defesa parcial, corrupções desesperadas da doutrina e perversões dos fatos das Escrituras, o mesmo ardente ódio contra a religião da Bíblia, o mesmo ardente desejo de a derrubar e a mesma resoluta hostilidade a tudo quanto é sobrenatural, como havia nas formas mais audaciosas e provocadoras de ataque.

Podemos encontrar este plausível cepticismo no gabinete do editor, na língua de prata do orador, na cadeira do professor da Universidade e até mesmo no púlpito do pregador nominal. A Bíblia é, pela confissão dos próprios cépticos, o melhor dos livros, e o que maior e mais permanente valor contém, e, no entanto, querem-nos fazer acreditar que esse Livro dificilmente acompanha a civilização e que é absurda a sua infalibilidade!

A Bíblia não aceita qualquer patrocínio, homenagem hesitante, ou encômios limitados. Submetam a Palavra de Deus a todas as provas possíveis e apropriadas — intelectuais, morais, filosóficas, éticas, literárias ou científicas — e, se por qualquer meio racional ela não resistir a essas provas, então merece ser posta de lado. Se ela não se apoia em contrafortes graníticos, então é louçura tentar, nos seus próprios alicerces, arruinados, manter os seus tremendos direitos a uma origem Divina.

De todas as provas a que se possa submeter a Bíblia, a científica é a menos prometedora, porque neste ponto é que se poderá esperar que a Bíblia seja mais fraca e mais exposta a um bem sucedido ataque. Os próprios amigos da Bíblia mostram receios quando se fala de se lhe aplicar as provas da ciência e quando a ciência se aproxima, como se fosse de cadinho e de lanceta, para experimentar os seus severos processos na Palavra de Deus.

Mas, mesmo neste ponto mais fraco, a Palavra de Deus é mais forte do que a força combinada de todos os seus inimigos. Deste ângulo, assim como de todos os outros, os seus canhões comandam todos os pontos estratégicos de avanço, e todos os que sinceramente duvidam poderão encontrar abundantes provas científicas de que um cérebro mais que humano produziu a Bíblia.

O argumento científico é mais concludente porque a Bíblia não é nem pode ser — dada a sua natureza — um livro científico. Na História qualquer assunto científico só seria abordado casualmente, e quaisquer erros ou inadvertências que contivesse não prejudicariam o seu valor como narrativa de fatos históricos.

O objetivo da Bíblia não é ensinar ciência, mas sim a verdade moral e espiritual. As verdades e fatos científicos podem ser descobertos pelo intelecto e zelo do homem e, por conseguinte, não existe a necessidade de qualquer revelação nesse sentido. Mas a nossa origem e destino, as nossas relações com Deus, o caminho da paz e da pureza, o elo entre o presente e o futuro, sobre isto a mais elevada cultura e sabedoria apenas tem estabelecido hipóteses.

Temos, portanto, que julgar a Palavra de Deus pelo seu objetivo e, se na revelação das verdades morais e religiosas, há aparentes erros ou negligências científicas que não se relacionam com a verdade espiritual, não devem torná-la menos digna de aceitação como guia do conhecimento e prática do dever.

Lord Bacon, sob um ponto de vista estritamente filosófico, disse que “o alvo do Espírito de Deus não é expressar-se na Bíblia sobre assuntos da natureza, a não ser aqueles que, de passagem, são necessários para aumentar a capacidade do homem sobre o que é moral e Divino”.

Não fazia parte do objetivo ou missão dos escritores inspirados informar-nos sobre verdades científicas. Não é, pois, de admirar, que ao

referirem-se ao Reino da Natureza, eles tivessem usado a linguagem da imagem como nós o fazemos numa época em que o mundo está, sem comparação, muito mais avançado em conhecimentos científicos.

Sabemos que o Sol é o centro do Sistema Solar e que a Terra gira à sua volta, no entanto, dizemos que o Sol nasce no Oriente e se põe no Ocidente e que o Sol gira à roda da Terra. Dizemos que o orvalho cai do céu, como se fosse destilado nas altas regiões do espaço, quando, de fato, é o vapor existente na atmosfera que, ao contato com uma superfície fria, se transforma em rocío. Quando, portanto, os escritores sagrados usam formas de retórica que melhor se enquadram com as aparências do que com a realidade, e que melhor concordam com as noções populares do que com as descobertas científicas, “essa ausência de exatidão científica de forma alguma envolve qualquer verdadeira discrepância ou contradição”.

Se a linguagem da Bíblia fosse científica, em vez de popular, teria sido uma mancha e um obstáculo, porque teria desvirtuado e desviado as grandes verdades que ela encerra, criando controvérsias sobre assuntos de pouca importância. Suponhamos, por exemplo, que Moisés no primeiro capítulo do Gênesis tivesse anunciado com toda a retidão e em palavras bem claras, todas as descobertas da geologia e da astronomia; que tivesse atribuído a este globo uma grande antiguidade, anterior à criação do homem; que tivesse explicado os seis dias da Criação como seis períodos de uma vasta duração; que tivesse descrito a exuberante vegetação da idade carbonífera e o maravilhoso processo pela qual se tornou em carvão; que tivesse informado os homens da primitiva luz e calor “química” ou “cósmica” que precedeu o aparecimento do sol — dos enormes monstros que folgavam nas águas e erravam pela Terra, e que tivesse registrado as tremendas convulsões que agitaram a terra como se fosse uma vasta cratera, qual teria sido o seu efeito?

Primeiro, as descobertas científicas teriam sido prematuramente anunciadas, antes da humanidade estar apta a compreendê-las, ou a aproveitá-las. Segundo, teria sido uma contradição da parte de Deus comunicar esses conhecimentos diretamente aos homens, quando Ele havia decretado que o próprio homem é que teria de trabalhar e procurar esses conhecimentos. Terceiro, os homens se teriam esquecido das mais importantes verdades espirituais que são os assuntos de principal importância nas revelações para discutirem as questões inferiores e para as quais a raça ainda não estava preparada. Quarto, o resultado seria o descrédito de toda a revelação e faria com que Moisés fosse tido como um doido ou um sonhador e, desta maneira, seria destruído o grande fim da Palavra Inspirada.

E, contudo, se a Bíblia é a Verdade de Deus, não deve, nem mesmo de leve, afirmar simultaneamente a verdade e a mentira. Não podemos conceber um Deus infinito a revelar aos homens as verdades mais transcendentais sobre temas espirituais, rodeando essas revelações de muitas pequenas mentiras só porque os homens ainda não estavam suficientemente maduros para compreenderem os fatos em toda a sua grandeza.

Se existem expressões e frases que, sem nos darem a impressão de complicados enigmas, contêm em si amplo espaço para a necessidade

sempre crescente dos conhecimentos humanos; se a Bíblia escolhe da imperfeita linguagem humana — expressões que podem conter verdades escondidas até que as épocas revelem o seu sentido — parece-nos ser esta a melhor solução deste difícil problema. E, quando comparamos a linguagem da Bíblia com a ciência, encontramos que isto é um fato.

Há cerca de meio século, a ciência pretendeu destruir a Palavra de Deus. Tímidos defensores da Bíblia sugeriram que os profetas, por se expressarem como a maioria dos homens, cometeram erros graves. Vejamos se os detratores da Bíblia se apoiavam em bases seguras e honestas.

I. Tomemos por exemplo a Astronomia.

Quão amarga tem sido a luta entre os astrónomos descrentes e a Palavra de Deus. Dizem que a expressão Bíblica, “*firmamento*”, é um antigo erro cristalizado. A ciência toma uma atitude de dignidade e pontifica: “Se tem ouvido dizer aos antigos que existe uma esfera sólida, acima de nós, que gira com suas brilhantes lâmpadas, mas nós afirmamos que isso é uma noção ignorante, porque nada mais há acima de nós senão um vasto espaço cheio de éter e as estrelas são astros solares que se encontram a variadas e enormíssimas distâncias; a terra gira sobre o seu próprio eixo”.

Olhemos mais detidamente para esta palavra “*firmamento*”. Enquanto Goodwin a declara “irreconciliável com a astronomia”, descobrimos que a palavra original foi **rakiya**, que significa aquilo que se estende ou que se alarga “**um espaço infinito**”. Lendo agora “espaço infinito” onde se lia “*firmamento*”, deixa de existir qualquer contradição com a astronomia. Se Moisés tivesse sido Mitchell, não poderia ter escolhido uma palavra melhor para expressar uma aparência visual, mas que se acomoda com a realidade. Ele realmente antecipou-se à ciência. E, no entanto, dizem que é este um dos “erros de Moisés”.

Outro dos antigos erros era o que afirmava que os corpos celestes giravam em roda da Terra. Depois de Copérnico, Kepler e Galileu terem ensinado a verdadeira lei do Sistema Solar, os homens levantaram altos gritos de protesto contra a Bíblia. E, no entanto, verifica-se que a Bíblia foi inteiramente constante com as descobertas da ciência, de que a Terra não é chata, mas sim uma esfera que gira, em perfeita uniformidade, sobre o seu eixo.

Analisemos expressões Bíblicas tais como estas de Jó 26.7: “*Ele ... faz pairar a terra sobre o nada*” ou Jó 38.8-12: “*Ou quem encerrou o mar com portas, quando irrompeu da madre; quando Eu lhe pus as núvens por vestidura e a escuridão por fraldas? Quando Eu lhe tracei limites e lhe pus ferrolhos e portas, e disse: Até aqui virás, e não mais adiante e aqui se quebrará o orgulho das tuas ondas? Acaso, desde que começaram os teus dias, deste origem à madrugada ou fizeste a alva saber ou seu lugar, para que se apegasse às orlas da terra, e desta fossem os perversos sacudidos?*”

Quão maravilhosamente esta linguagem se adapta aos fatos científicos então desconhecidos — a relação entre a terra e o mar, pela qual as águas não podem submergir a terra; que este globo não se apoia em qualquer substância sólida, como a mitologia pagã ainda hoje ensina, mas sustenta-se no seu lugar por forças invisíveis de gravitação; que a rotação da terra sobre o seu eixo é tão absolutamente regular, que Laplace diz que em dois

mil anos não variou uma centésima parte de um segundo, de forma que a alva nunca falha, nem se faz esperar no céu oriental.

Consideremos ainda Jeremias 33.22: *“Não se pode contar o exército dos céus, nem medir-se a areia do mar”*. O fato de existir um vasto exército de estrelas é uma descoberta relativamente moderna. Hiparco, cerca de um século e meio antes de Cristo, calculou o número de estrelas em 1.022, e Ptolemeu, no princípio do segundo século da era cristã, não encontrou mais do que 1.036.

Numa noite límpida podemos ver a olho nú, apenas 1160 ou, se pudessemos abranger toda a esfera celestial, cerca de 3.000. Mas quando, há trezentos anos, Galileu começou a pesquisar os céus com o telescópio, foi então que os homens pela primeira vez souberam que Jeremias tinha razão quando disse que as estrelas eram tão inúmeras como as areias do mar.

Quando o telescópio de Lord Rosse virou a sua poderosa lente para os céus, o número de estrelas visíveis aumentou para quase 400 milhões. Herschel compara a sua multidão a pó brilhante espalhado no fundo preto dos céus. Quando John Herschel, no sopé do continente negro, converteu a nebulosa em sóis e Lord Rosse, como se tivesse o olhar penetrante de um titã, descobriu que a sombria faixa de Órion era um “magnífico leito de estrelas” e a própria Via Láctea, uma enorme procissão de estrelas que se não podem contar, quão verdadeira se tornou a exclamação de Jeremias, 600 anos antes de Cristo e 2.200 anos antes de Galileu: *“Não se pode contar o exército dos céus”*. Quem é que ensinou astronomia a Jeremias?

II. Consideremos agora a Geologia.

Quando ela começou a desvendar as várias camadas do globo e a ler os registos das rochas, os tímidos na fé começaram a empalidecer e a tremer pela Palavra de Deus. Revelou-se que o nosso globo tem uma vastíssima antiguidade. Sendo assim, que é que iria acontecer aos “erros de Moisés”?

Como é que as rochas acusam a existência de fósseis e de restos orgânicos? E em tais quantidades que os recifes de coral representam incontáveis milhões de zoófitos e as massas das montanhas são compostas de conchas que não excedem o tamanho de um grão de areia? Os montes Tuscanos são formados por conchas tão pequenas que 28 gramas de pedra contêm mais de 10.000 e o pó que cai do giz, quando se escreve num quadro, examinado ao microscópio, torna-se em fósseis!

Que períodos não foram precisos para seres vivos construírem tais massas como estas!

Alguns tentaram explicar os depósitos desses fósseis pelas convulsões consequentes do dilúvio. Outros sugeriram que Deus construiu o mundo com fósseis, no qual nunca tinha havido vida. Outros ainda estavam prontos a trovejar anátemas contra a ciência, porque a não podiam conciliar com as Escrituras, seguindo assim o exemplo do brâmane que se livrou das suas dúvidas esmigalhando o microscópio que lhe mostrou a loucura das suas práticas e noções pagãs.

Mas o que é certo é que a Bíblia não necessita de tais métodos de defesa. Se a verdade se divide contra si mesma, como é que o seu reino se poderá manter?

Os sábios dessa época não quiseram ver que a correlação entre a criação anunciada por Moisés e as descobertas da ciência provam que só Aquele que criou o mundo é que criou o Livro. Notemos alguns exemplos:

1. A ordem da criação.

Segundo a Geologia o “nosso planeta” era no princípio uma massa aquosa e desolada, cuja densa evaporação não deixava penetrar a luz. Moisés afirma que, no princípio, a terra era sem forma e vazia e havia trevas sobre a face do abismo. A Geologia diz que a vida precedeu a luz e que a vida se desenvolveu nas trevas. O primeiro livro sagrado apresenta o Espírito criador movendo-se sobre a face das águas antes de Deus dizer: “Faça-se luz”.

A ciência ensina que a atmosfera, ao formar-se, levantou os vapores aquosos em nuvens e assim se separaram as fontes de água de cima das de baixo; o mesmo dizem os livros sagrados.

A Geologia afirma que os continentes se elevaram do abismo e produziram vegetação. Moisés também declara que a terra seca apareceu e produziu erva verde, erva que desse semente e árvores, correspondendo exatamente às três ordens da primitiva criação.

Ainda segundo a ciência, os céus ficaram limpos de nuvens e o sol, a lua e as estrelas apareceram; o grande legislador não diz que Deus fez todos estes corpos celestes no quarto dia criador, mas sim, que eles começaram a servir para dividir o dia da noite e para sinais das estações, dias e anos.

A Geologia mostra-nos monstros marinhos, répteis e aves que voam; Moisés revela-nos a mesma coisa.

Os geólogos indicam a seguir a raça dos mamíferos quadrúpedes e o Gênesis, na mesma ordem, e no sexto dia da criação revela-nos o aparecimento do gado e das bestas feras da terra.

A Ciência e a Bíblia concordam ainda como sendo o homem o último ser vivente criado.

A Geologia mostra que a primeira luz e calor não foram solares, mas sim químicas ou cósmicas. Moisés faz a luz preceder o sol pelo espaço de três dias criadores.

2. Olhemos para a ordem da criação animal.

A geologia e a anatomia comparativa combinam-se para nos ensinar que a ordem da criação foi do mais baixo para o mais alto. Peixe, proporção de cérebro à espinha dorsal, é 2 para 1; répteis, 2 1/2 para 1; aves, 3 para 1; mamíferos, 4 para 1; homem, 33 para 1. É esta exatamente a ordem de Moisés. Quem ensinou a Moisés o que a anatomia comparativa descobriu: que os peixes e os répteis são inferiores às aves?

E são estes alguns dos “erros de Moisés”! Aqui temos a história da criação, produzida quinze ou vinte séculos antes da ciência ter desvendado estas verdades e fatos e, no entanto, não existe nessa revelação qualquer erro científico, e as coincidências e correspondências são tão inúmeras e bem definidas que obrigaram um sábio moderno a confessar que, se se condensasse em poucas palavras o mecanismo celeste de Laplace, os Cosmos de Humboldt e o último compêndio de geologia, não se poderia

encontrar uma descrição mais simples e uma linguagem mais sublime do que a de Moisés!

3. A Geologia fala mais.

Ela mostra-nos que as vastas plantas da idade do carvão eram de uma espécie que não podia crescer ao sol, mas sim no longo período da sombra, e essa espécie devia alimentar-se numa atmosfera saturada de vapor e que não podia crescer ao sol, razão porque a sua madeira não era rija, como teria sucedido com a ação do sol. Quem ensinou Moisés a indicar o crescimento da primeira vegetação no período que precedeu o primeiro aparecimento do sol?

4. A Geologia continua falando.

Ela ensina-nos seis períodos de criação que se prolongam pelas idades. Moisés parece à primeira vista indicar 6 de 24 horas cada. Mas, ao examinarmos mais detidamente os Manuscritos, descobrimos que a palavra hebraica é **yom**, que significa um período de tempo, e é vulgarmente usada para indicar períodos indefinidos ou estações!

No primeiro capítulo do Gênesis, os cépticos triunfantemente afirmam que os períodos criadores são medidos por 24 horas e, no entanto, no Gênesis, capítulo 2.4, essa palavra é usada para definir todo o período da criação! No Salmo 95.8 lemos: “*O dia da tentação*” que se refere a quarenta anos. Nós usamos a palavra inglesa com a mesma forma solta de aplicação — um “dia polar” significa seis meses; o “dia da graça”, um período de provação.

Origenes e Agostinho muito antes da ciência sugerir que o dia poderia significar um período, mantiveram que a palavra hebraica era indefinida e quando a Bíblia declara que “*um dia para o Senhor é como mil anos*”, dá-nos uma indicação e uma chave para a sua própria interpretação.

Notaremos ainda que destes dias criadores Moisés diz: “*e foi a tarde e a manhã do dia primeiro*”. Se se refere a um dia solar, por que é que começou pela tarde? É óbvio que o dia solar principia com o amanhecer. Justificar este curioso aspecto do registro Moisaico pelo fato de que os judeus calculavam o dia de poente a poente, é raciocinar num círculo, pois foi este primeiro capítulo do Gênesis que deu aso a um tão pouco natural modo de calcular.

Se consultarmos a geologia encontraremos que cada período criador começou à tarde e desenvolveu-se com a manhã — a luz desenvolvendo-se depois da escuridão e a ordem depois da confusão — e nós perceberemos porque é que Moisés foi inspirado a fazer que cada dia começasse com a tarde.

5. Consideremos agora o Dilúvio.

Ele, conforme foi registado nos dias de Noé, tem sido considerado como irreconciliável com a ciência moderna. O pomo de discórdia é o caráter universal da inundação. Como à raça humana, nessa ocasião, apenas ocupava urna pequena parte do globo, a submersão completa da terra, até que as montanhas mais altas fossem cobertas, apresenta-se como um desperdício desnecessário de energia Divina; com razão, pode-se

especialmente duvidar, se a atmosfera toda, condensada em chuva, seria suficiente para elevar os mares a uma tal altitude e parece haver muitas provas de que em certas partes do globo, não houve qualquer inundação universal durante os últimos 6.000 anos.

A estas objecções apenas se torna necessário responder que todas as dúvidas se desvanecem, desde o momento que interpretemos o texto Bíblico como referente ao mundo habitado. Frases, tais como, “*a terra inteira*”, “*debaixo de todo o céu*”, etc., são frequentemente usadas nas Escrituras para se referirem à parte do globo habitado, e até só à Palestina e às terras circunvizinhas.

As expressões de carácter universal não devem ser interpretadas literalmente, mas sim de acordo com a intenção e o fim desejados pelo escritor. Quando na Bíblia encontramos a indicação “*de que todos os países vinham ao Egito comprar cereais*” que é que deduzimos? Devemos acreditar que se houvessem habitantes na Gran-Bretanha que eles viajavam até ao Egito para adquirirem cereais? Levar-lhes-ia mais tempo nessa época, a viagem, do que semear e colher uma nova sementeira. Mas se tomarmos em consideração o facto de que o Egito era nesse tempo o grande celeiro para todos os distritos em que prevalecia a fome, então poderemos interpretar bem claramente a descrição do dilúvio.

Nessa narrativa, Moisés informa-nos do terrível julgamento que Deus fez cair sobre os pecados da raça. O Seu julgamento caiu sobre a terra por causa dos homens e apenas poderia envolver a parte do globo que era a cena do pecado humano. Se, portanto, compreendermos que “*por toda a terra*” se refere a toda a superfície habitada, o dilúvio, mesmo assim, teria sido relativamente universal, isto é, universal quanto à humanidade, e o uso de expressões idênticas em outras partes das Escrituras justificam uma tal interpretação.

Hugh Miller demonstrou que todos os fenómenos do Dilúvio podiam ter sido produzidos pela gradual submersão e nova elevação da parte do globo mais conhecida pela designação de “berço da raça”, e isto teria produzido os efeitos tão graficamente descritos por Noé.

Devemos acrescentar que a tradição, mesmo entre os pagãos, conirma o facto do dilúvio e o pousar da arca no Monte Ararat.

Haywood W. Guion, de Carolina do Norte (EUA), sugeriu uma teoria sobre o Dilúvio, que não só harmoniza todas as descobertas da ciência com o texto do Gênesis como também poderá abalar todas as concepções prévias sobre o assunto. Apoia-se na afirmação literal de Pedro: “*Pela qual veio a perecer o mundo daquele tempo, afogado em água*” (2 Pedro 3.6). No Gênesis lemos: “*Ajuntem-se as águas debaixo dos céus num só lugar, e apareça a porção seca*” (Gênesis 1.9).

Nestas duas passagens não há a menor indicação de existir mais de um continente ou mais de um mar. A terra seca parece ter uma só grande elevação acima do nível do mar e as águas reunidas num só lugar. Isto implicaria, como muitos sábios não ignoram, certas condições peculiares. Um continente solitário que se elevasse numa só grande massa no meio do mar que o cerca não apresentaria grandes desigualdades de superfície, muito embora houvesse pequenas elevações que, comparadas com o resto, seriam montes ou mesmo montanhas. Haveria uma grande uniformidade de

clima e temperatura, sem chuvas e sem nuvens, mas com cerradas neblinas, que constantemente manteriam a humidade da terra, e consequentemente existiria vegetação muito fértil e abundante, que tornava desnecessário o alimento animal tanto para os homens como para as bestas — um paraíso de vegetação e uma primavera perene.

Guion sustenta esta tese. Na época do Dilúvio essa enorme cúpula que se elevava acima da água foi derrubada por explosões vulcânicas e por um grande terremoto e a abóbada abateu-se tornando-se no que é hoje o leito do Oceano Pacífico. E o leito deste primeiro Oceano elevou-se, formando assim os continentes dos nossos hemisférios oriental e ocidental, enquanto que o mar se precipitava no seu novo leito, formado pela submersão do continente original.

Estes acontecimentos dar-nos-iam na nova ordem das coisas, grandes cordilheiras de montanhas, com acentuadas desigualdades de clima e temperatura — e todos os fenómenos das novas estações, ventos, nuvens, tempestades de chuva e de neve e, consequentemente, o primeiro arco-íris.

Os animais que habitavam em terrenos infrutíferos foram impelidos a devorar animais mais fracos do que eles e também tornou necessário ao homem a alimentação carnívora. Esta teoria faz com que todo o mundo original tivesse sido submergido e todos os montes altos cobertos. Os animais gigantes do continente primitivo teriam sido engolfados pelas águas espumantes e mais tarde enterrados pelas camadas movediças do solo, fornecendo assim os notáveis restos que se têm encontrado em vários lugares, e que provam que os seres foram atingidos por alguma catástrofe universal.

Tullidge diz: “Com o avanço das descobertas, a oposição que se supunha existir entre a Revelação Bíblica e a Geologia já desapareceu; das oitenta teorias hostis à Bíblia e que o Instituto Francês havia registrado até 1806, já nenhuma prevalece. E ainda mais, entre os maiores advogados da Palavra de Deus contam-se muitos dos sábios que a investigaram. Todos são unânimes em afirmar que não devemos rejeitar a oposição da ciência (falsamente chamada assim) contra a Bíblia, porquanto: *“Para sempre, ó Senhor, está firmada a Tua palavra no céu”*”.

.oOo.

Segunda Parte do livro

A VERDADE CIENTÍFICA DA BÍBLIA

“As Tuas palavras são em tudo verdade desde o princípio”

Salmo 119.160

Isto é, “desde as primeiras palavras”. O entusiasmo do desconhecido autor deste Salmo não teve limites. Propôs-se a edificar um monumento à Palavra de Deus, e esse monumento é como um sólido capitel de mármore, esculpido com vinte e duas faces, e cada face contém oito inscrições. À maneira dos antigos acrósticos, cada face é destinada a uma letra do alfabeto hebraico e cada uma das suas oito inscrições começa com essa letra, como se todos os recursos da língua fossem em vão esgotados na tentativa de traduzir as maravilhas das Escrituras.

O escritor conclui a vigésima seção declarando que, desde as primeiras palavras, toda a palavra é verdadeira. Mas prossigamos, dentro do ponto de vista do capítulo anterior, e examinemos:

III. A Cosmogonia.

Quão precioso é o fato a favor da Bíblia, que nem só um erro ou absurdo científico se encontra nesta matéria. Podem os livros sagrados de outras religiões suportar esta prova? Apliquem esta pedra de toque ao Alcorão, à Shasta, à Zendavesta, ou aos ensinamentos dos melhores e mais sábios dos homens sem inspiração divina. Comparemos Moisés com Zoroastro e Confúcio, Sêneca e Sócrates, Platão e Pitágoras, Anaxágoras e Aristóteles — quando as antigas religiões e filosofias tocam o “tema Bíblico” da criação — e só encontramos um vasto número de absurdos. Coloquemos o primeiro capítulo do Gênesis ao lado da ideia hindu do Universo, que se pode condensar nas seguintes palavras: “Há milhões sobre milhões de ciclos passados desde que este mundo se criou. Foi feito numa planície chata e triangular, com altos montes e montanhas e abundantes águas. Existe em vários pavimentos, e toda a massa está apoiada sobre as cabeças de elefantes que têm os rabos para fora e as patas assentam sobre uma enorme tartaruga que, por seu turno, se apoia sobre uma grande cobra enrolada; quando estes elefantes se sacodem provocam os terremotos”.

Suponhamos que a Bíblia tinha cometido erros tais como o de Platão, que definiu a terra como um ser inteligente; ou Kepler, que a reconheceu como um animal vivo. Ou ainda, como os antigos sábios que ensinaram que a Via Láctea era o caminho por onde o sol costumava viajar e que mostrava os sinais das suas pegadas. Que diríamos se contivesse as antigas noções de que as bestas são seres humanos transformados, de que existem peixes no mar com cabeças de cavalo, de que a fênix da fábula era uma verdadeira ave e que os raios partiam de três astros, muito especialmente de Júpiter.

Quem é que guardou a Bíblia — esse antiquíssimo Livro — das superstições que corromperam a astronomia em astrologia, e a química em alquimia? Quem ensinou o escritor do Salmo 104 a compor aquele grande poema sobre as maravilhas do mundo criado e sem ter introduzido nem um

dos erros científicos que hoje são correntes! Até mesmo Von Humboldt foi obrigado a confessar que “num poema pequeno encontramos o universo todo, os céus e a terra, desenhados em poucos traços”.

IV. Filosofia natural.

As descobertas sobre a natureza da luz tornam as descrições de Moisés de uma divina grandiosidade. Moisés não nos apresenta este mistério que vibra tão extraordinariamente pelo espaço, como tendo sido feito, mas sim por um imperativo “haja luz” — isto é, ordenado a brilhar.

Em Jó 38.13 e 14, lemos da aurora *“a terra se modela como o barro debaixo do selo, e tudo se apresenta como vestidos; dos perversos se desvia a sua luz, e o braço levantado para ferir se quebranta”*. Na Babilônia usavam-se os selos cilíndricos. À medida que esses cilindros rolavam por cima do barro, marcavam caracteres de beleza artística. O barro sem forma tornava-se em altos relevos tal qual como a escultura. E assim que a terra gira, trazendo sucessivamente cada parte da sua superfície debaixo da ação da luz e do calor do sol, e tudo quanto antes era lúgubre, escuro e morto, revela-se e desenvolve-se em beleza, tal qual como o barro sob o selo se apresenta “vestido”, curiosamente trabalhado em altos relevos e cores brilhantes.

Tomemos esta imagem como científica ou poética, mas onde encontraremos em outro livro de igual antiguidade uma linguagem idêntica?

Quão perfeita é a frase “para que se apegasse às orlas da terra”! A palavra hebraica exprime a ideia de que os raios do sol se encurvam como os dedos das mãos para pegar ou agarrar. Esta frase só se refere às extremidades da terra. O raio direto do sol caindo sobre a sua superfície vai direto como uma seta, mas, quando a luz do sol atinge as extremidades da terra, é curvado pela atmosfera para assim haver um contato, e, se assim não fosse, vastas partes do globo, fora do alinhamento direto dos raios solares, seriam escuras, frias e mortas. Quem ensinou Jó, 1.500 anos antes de Cristo, a fazer uso de expressões que tanto Longfellow quanto Tennyson bem podiam ter invejado para descrever a refração!

Jó 28.25 diz: “Quando regulou o peso do vento (atmosfera) e fixou a media das águas”.

Se existe alguma coisa que não parece ter peso é o ar. Aristóteles e até mesmo Bacon não souberam que a atmosfera tinha peso. A descoberta da gravidade do ar foi reservada para o grande astrônomo florentino Galileu. E no entanto, Jó, pelo menos trinta séculos antes de Galileu, já havia declarado que Deus deu peso até mesmo à atmosfera.

Existe o perigo de transformarmos as palavras da Bíblia numa proclamação positiva de fatos científicos, tão maravilhosas são algumas das suas correspondências. É um fato curioso que Salomão tivesse usado uma linguagem tão inteiramente semelhante com as descobertas da evaporação e circuito de tempestades (Eclesiastes 1.6-7). Muitos têm audaciosamente afirmado que a teoria das tempestades de Redfield se encontra aqui explicitamente descrita. Sem tomarmos uma tal atitude, perguntamos: quem ensinou Salomão a usar expressões que facilmente se acomodam com os fatos de que os movimentos dos ventos, que parecia serem desordenados e incertos, são governados por leis tão positivas como aquelas que governam o

crescimento das plantas e que, por evaporação, as águas que caem na terra se elevam continuamente, para que o mar nunca trasborde?

V. Entomologia.

Poucos ramos da ciência se podem considerar completos como o que investiga e classifica os insetos.

Salomão dificilmente pode ser compreendido sob o ponto de vista moderno e muitos têm julgado o seu erro sobre as formigas como demasiadamente flagrante para se encontrar em escritos inspirados. Falando da formiga, ele diz: *“No estio, prepara o seu pão; na sega, ajunta o seu mantimento”* (Provérbios 6.6-8). Os cépticos científicos afirmaram que, sendo a formiga um “inseto carnívoro”, não poderia recolher os alimentos na ceifa, pois que a própria natureza desses alimentos não permitiam que fossem armazenados, e que Salomão cometeu o erro de muitos amadores, confundindo os óvulos brancos da ninfa das formigas, mais conhecidos por “ovos das formigas”, com grãos de trigo armazenados para futuras necessidades.

Mas, se assim fosse, o que teria acontecido às inspirações de Salomão? Se ele errava em fatos científicos também podia ter errado em teologia. Nem sequer o poderíamos defender, alegando que a palavra traduzida como formiga não estava certa, pois a palavra não só significa formiga, mas também, conforme diz Buxtorf, uma formiga que se alimenta de cereais ou sementes.

Quando, porém, estudamos as formigas da Palestina, encontramos entre elas algumas espécies que não só se alimentam de cereais, mas fazem a ceifa, e quando os seus armazéns se humedecem pelas chuvas, para evitarem que os grãos grelem, trazem-nos para a superfície e põem-nos a secar ao sol. E ainda mais. A entomologia prova que a formiga agrícola não só armazena os grãos, como também prepara o terreno, semeia, mantém a terra livre de ervas e faz todas as operações da colheita.

Portanto, tudo quanto Salomão diz a respeito das formigas da Palestina, como exemplo de previsão e economia, está mais do que provado pela ciência!

Eis, portanto, outro “erro” que Salomão não fez. Que é que aconteceu à inspiração dos cientistas que o acusaram de erros ?

As coisas que parecem ser as mais caprichosas e incertas estão debaixo do domínio de uma ordem fixa. A chuva obedece a um decreto e os trovões e relâmpagos obedecem a uma lei, o mar pode ir até um certo ponto e os ventos voltam de acordo com “Todas as descobertas humanas parecem ser feitas só com o fim de confirmar mais fortemente as verdades que vieram de cima e que estão reveladas nas Sagradas Escrituras”.

VI. A Fisiologia, a Anatomia Comparativa e a Química.

A Bíblia prova-se consistente com as descobertas modernas da Fisiologia, da Anatomia Comparativa e da Química.

A Fisiologia é um maravilhoso comentário da exclamação de Davi: “Graças Te dou, visto que por modo assombrosamente maravilhoso me formaste” (Salmo 139.14).

A ciência anatômica não pode encontrar qualquer erro na narrativa da crucificação de Nosso Senhor. Um médico foi salvo da descrença por ter observado a inconsciente verdade dos evangelistas na sua narrativa da crucificação quanto aos fatos anatômicos, nessa época inteiramente desconhecidos da ciência (Phelps «On Preaching» p. 153).

VII. Etnologia.

A Bíblia ensina, sem qualquer espécie de dúvida, a unidade da raça humana. Podemos reconciliar tal ensinamento com as descobertas etnológicas? Tem-se aventado que devia ter havido mais do que uma origem da raça humana, porquanto as variedades de cores e aspectos, assim como o desenvolvimento mental e tipo físico, não podem ser atribuídos à influência dos climas, alimentos e hábitos de vida, e que, pelo menos, a raça negra pertence a outra espécie.

Muitos, no intuito de não defenderem a unidade da raça e ao mesmo tempo defenderem a Bíblia, tomam uma atitude média, alegando que o Livro Sagrado apenas descreve a história de uma das raças — pela qual veio a redenção — mas esquecem-se que, na hipótese da humanidade toda não descender de Adão, então a unidade da raça desaparece tanto no pecado quanto na redenção.

É injusto dizermos que a Bíblia, a antropologia e a etnologia se guerreiam. Primeiro, porque os fatos científicos ainda não estão estabelecidos. Os sábios que mais diligentemente têm estudado estes assuntos não chegam a um acordo entre si. Enquanto os cientistas não concordam quanto aos fatos, para que havemos de criar teorias que encaixem nas suas doutrinas?

Quase todo este clamor de hostilidade entre a ciência e a Palavra de Deus é baseado em especulações. Muitos descrentes julgam ter encontrado um fato novo, e apressam-se a anunciá-lo. Carregam os seus canhões e fazem fogo esperando ver as defesas da fé cristã abalar e derruir devido ao tremendo choque da sua artilharia. Mas a fortaleza permanece e nem a mínima fenda ou orifício se verifica nas suas muralhas.

Uma observação mais detalhada, obriga-nos a perguntar: Que é que o grande sábio disparou contra as nossas muralhas? Uma enorme e sólida granada de provas? Não, apenas um manuscrito da sua teoria fantasista e que se incendiou com a sua própria pólvora.

Novamente o repetimos, mostrem-nos um fato indiscutível, revelado pelos estudos científicos de dois mil anos, que não possa harmonizar-se com a Palavra de Deus. Podemos demonstrar que não existe qualquer conflito entre os fatos e a doutrina Bíblica da unidade da raça, pois todas as descobertas, ao passo que se tornam claras e positivas, confirmam essa unidade.

Em todo o mundo encontramos o homem dotado das mesmas grandiosas características físicas, o mesmo número de dentes, ossos e músculos; o mesmo sistema de respiração e circulação, digestão e secreção; os nervos, veias e artérias são do mesmo tipo. O homem em todos os lados é

capaz de viver de todas as qualidades de alimentos e em qualquer clima; está sujeito às mesmas doenças; cresce lentamente até à idade madura e vive a mesma média de anos.

O Dr. Prichard luta pela unidade do tronco original devido à fertilidade da raça na sua descendência. “A natureza aborrece os híbridos”, e as variedades que se produzem no mundo vegetal ou animal, pelo cruzamento de espécies, rapidamente se extinguem. O fato de que, depois de seis mil anos, o cruzamento das raças por casamento entre indivíduos de diferentes variedades ainda são férteis na sua prole prova, uma só espécie original.

O Dr. Prichard atribui a causas secundárias todas as variedades existentes da família humana e não encontra entre as diferentes tribos ou nações qualquer linha de divisão permanente.

O homem, e até mesmo os animais, quando sujeitos a uma mudança de clima ou modo de vida, mudam de cor, cabelo e aspecto. O Dr. Carpenter aponta-nos a raça magiar na Hungria, que se sabe ter pertencido ao tronco Asiático. Há cerca de mil anos vieram do frio norte da Ásia, para o sul, exposto ao sol da Europa, e não só os seus hábitos de vida mudaram, como até mesmo o tipo da formação craniana se transformou de piramidal, ou mongólico, para elíptico, ou caucasiano; e com o melhoramento da sua estatura física e das feições, ainda subsiste o suficiente da sua casta tártara para nos dar uma leve indicação da origem.

O mesmo sucede com os lapões e finlandeses. O Dr. Carpenter diz que, apesar de serem do mesmo tronco dos Magiares neles se têm desenvolvido as mais marcadas diferenças, até mesmo nas características cranianas e geral conformação, estatura e proporções.

Na Índia, os persas, gregos, tártaros, turcos e árabes, todos de raça branca, e sem cruzamento com os hindus, ficam, em poucas gerações, da mesma cor de azeitona escura natural do clima, quase tão escuros como os negros. Os portugueses, em trezentos anos de residência na Índia, estão tão pretos como os kafirs. O sr. John Campbell, há anos observou que à medida que avançava do Cabo da Boa Esperança para a África equatorial, os habitantes eram uniformemente cada vez mais escuros e os judeus da colônia na Costa de Malabar são hoje tão pretos quanto os indígenas da Costa.

Se o clima pode produzir tão marcadas mudanças, quem é competente para descrever as mudanças e todas as causas combinadas que poderão ter operado durante milhares de anos? Von Humboldt, depois de expor os argumentos a favor da diversidade de origem, opina que razões de maior peso favorecem a unidade, e certamente este sábio não será acusado de conhecimentos superficiais científicos nem de parcialidade pela Bíblia.

A própria diversidade das línguas, que por muito tempo favoreceu a teoria da diversidade da origem humana, já não é um argumento contra a Palavra de Deus. A nova ciência da filologia comparativa está agrupando essas línguas em famílias, atribuindo as suas afinidades e semelhanças a uma só grande raiz. Klaproth deu-nos uma imagem sobre o parentesco das línguas, descrevendo os tijolos com que Bagdá foi construída, e que têm impressa a legenda coniforme de Nabuconodosor — mostrando que são fragmentos de velhas cidades assírias.

Da mesma maneira, as línguas modernas exibem os fragmentos de uma língua primitiva. E, assim, tanto a fisiologia e a filologia, como também a psicologia e etnologia, testemunham a favor da concepção Bíblica: que todos os homens descendem de um só casal original.

Quanto à antiguidade do homem, a ciência ainda não apresentou um fato bem estabelecido e claro que demonstre que a raça humana existia na terra anterior à cronologia da Bíblia. O que vulgarmente se chamam provas não passam de fantásticas conjeturas ou conclusões prematuras; e muitas vezes o salto é tão grande, que tal ciência tem sido alcunhada de “gafanhoto” ou “ciência de canguru”.

Pretendem apresentar os resultados de uma investigação original, apesar de, como Park Goodwin diz: “A sua originalidade está apta a ultrapassar a própria investigação”. Os fatos que parecem demonstrar uma maior antiguidade à raça humana são simplesmente mistérios que aguardam interpretação. Por exemplo, encontraram-se ossos cortados e polidos em depósitos que pareciam ter estado imersos em água desde que o homem existe na terra, e tão bem polidos que, na opinião de muitos, provavam uma habilidade humana auxiliada por ferramentas de rara perfeição.

Sir Charles Lyell, entretanto, aventurou-se a por entre os castores do Jardim Zoológico de Londres, alguns ossos semelhantes aos descobertos e, depois de os ter deixado ali por algum tempo, recolheu-os, mas vinham de tal maneira cortados e polidos pelos castores e tão parecidos com os outros que não deixou qualquer dúvida que, em ambos os casos, o mesmo agente tinha sido empregado.

Neste caso, o homem pre-Adâmico não era outra coisa senão um castor e as ferramentas de rara perfeição que indicavam uma ultra-civiiiização, apenas os dentes de um castor!

VIII. Arqueologia.

Abordemos agora esta ciência, onde encontramos as mais ricas e as mais maduras colheitas para a confirmação da Palavra de Deus. Apresentaremos duas ou três, da imensa quantidade de fatos acumulados, os quais mostram que Deus está confundindo a astuciosa sapiência dos sábios. Os cépticos estavam confiados em que as descobertas dos arqueologistas e dos paleontologistas, fariam com que a Palavra de Deus fosse tida na conta de uma fábula; puro engano, pois as próprias pedras clamam bem alto a confirmação da Palavra.

Lemos na história antiga, que o rei da Babilónia, quando esta cidade caiu em poder dos medos e persas, não era Belshazzar, mas sim Nabonadio, ou Labyneto e, que ele nem foi capturado ou morto, mas que escapou e, depois da tomada da Babilónia combateu fora da cidade, tendo sido batido e feito prisioneiro, e subsequentemente um sátrapa debaixo do conquistador, vivendo em luxo e morrendo em paz.

Os cépticos riram-se da credulidade das almas simples que tomam a Bíblia por seu guia, pois ela afirma que Belshazzar reinava quando da queda da Babilónia e que na noite da sua tomada foi morto. Mas nas escavações que se fizeram nos terraplenos do quase esquecido local da velha cidade, encontrou-se um cilindro descrevendo curiosos registros, e por ele se soube

que Belshazzar era o filho de Nabonadio e um regente sob as suas ordens, tendo ficado assim explicada a contradição. Belshazzar participou do trono de seu pai e foi morto na Babilônia. O seu pai, Nabonadio, escapou e sobreviveu à queda da sua capital. Das ruínas de cidades soterradas, aparecem novos testemunhos a favor da Palavra.

No Museu Britânico Egípcio existem Táboas Assírias, com a data de 606 anos A. C., que contêm a cópia — datada de 1700 anos A. C.— de uma descrição pagã do Dilúvio, que declara ter sido decretado por Deus o Dilúvio devido à perversidade do homem, e registra o fato de ter sido construído um grande barco, etc.

Lucas chama a Sérgio Paulo, o pro-cônsul de Chipre (Atos 13.4-7). Os historiadores insistiram que a sua verdadeira designação devia ser procurador, pois nem mesmo uma pequena inexatidão podia ser tolerada nas narrativas evangélicas. Ultimamente foram encontradas moedas antigas cunhadas com a efígie de Cláudio, e nelas se lê que esse representante de Roma que governou a Ilha de Chipre, tinha o mesmo título de pro-cônsul que Lucas havia aplicado a Sérgio Paulo 1.

Quanto mais a investigação moderna avança, tanto mais se estabelecem as verdades das Escrituras Sagradas; cada nova descoberta entre os monumentais registros da antiguidade aumenta uma nova testemunha a favor do abençoado Livro de Deus, É bem maravilhoso o fato de que a Bíblia seja de tal forma coordenada e escrita que, muito embora não anuncie claramente quaisquer fatos científicos — “em progresso da ciência da época” — prova sempre, quando corretamente interpretada, que “anda a par da ciência” de qualquer época.

Com um sublime ar de infalibilidade, um escritor céptico declarou que “cada passo que a ciência dá, conduz os homens a um maior afastamento dos vãos receios e esperanças do Cristianismo para a benéfica calma da verdade eterna”, o que levou o Dr. Stebbins, unitarista (os que negam a Trindade, e que creem que Deus existe numa só Pessoa), e um advogado de ideias liberais a negar terminantemente tal asserção nos termos seguintes: “Afirmo conscientemente que, depois de cinquenta anos de estudo da ciência e da teologia, com o ardor de um amante, não existe uma única descoberta, ou fato estabelecido pela ciência que, no mais insignificante grau, milite contra os ensinamentos do Cristianismo revelados pelos evangelhos”.

A Palavra de Deus não pode ser demolida pelo ridículo dos seus adversários. Voltaire poderá ter muitos discípulos que seguem o seu método, tentando encobrir a Palavra de Deus com a caricatura, tal qual como um “rapaz moderno”, brincalhão, desfigura com carvão a face e a forma de alguma antiga estátua de Apolo. Mas como a estátua permanece na sua perfeição ideal depois de lavadas as maliciosas desfigurações, assim também a beleza e a pureza celestial da Palavra, sobrevive a todas as tentativas para a revestirem de absurdos blasfemos.

Nem tampouco as suposições e presunções científicas podem destruir as certezas das Divinas revelações. Uma mentira não é mais acreditada por ser dita em voz bem alta, e com gestos que tentam forçar a convicção do ouvinte. Devemos advertir que uma teoria sancionada por um grande nome não serve de regra para estabelecer a veracidade e a certeza dessa teoria.

Muitos homens que se sentem seguros das suas opiniões no campo da investigação e dignos de crédito enquanto se limitam aos simples resultados da observação e das provas experimentais, são todavia pouco seguros e pouco dignos de crédito quando se aventuram a entrar no campo da filosofia e da lógica, tentando extrair inferências das suas investigações. As suas conclusões podem ser tão inexatas e pouco seguras, como cuidadosas e exatas são as suas provas experimentais. A investigação e a indução pertencem a diferentes ramos, e nem sempre devemos adotar as inferências do mais seguro investigador.

Os sábios nem sempre são intelectualmente honestos e sinceros. Quando adeptos de um certo credo científico, ou sistema religioso, tornam-se **intelectuais estrábicos**, só veem o que querem ver e com destreza colocam os fatos ao lado das suas preconcebidas opiniões ou noções.

Que faremos então da Bíblia?

Esse Livro vem perante o tribunal do raciocínio e pede um julgamento imparcial.

Poderá ser o melhor dos livros, mas, mesmo assim, não ter a categoria de Livro de Deus.

Como é que Ela pode ser um livro do homem?

Mesmo as suas aparentes contradições, quando detidamente examinadas, revelam uma mais profunda lei de harmonia, como as linhas da coluna Dórica, que antigamente se julgavam verticais e paralelas, mas que hoje sabemos que se inclinam e convergem de forma a encontrar-se, se fossem elevadas acima da coluna.

O testemunho que a Palavra contém dentro de si mesma é o que Chalmers intitulou como “provas portáteis” do Cristianismo. E tem esta grande vantagem: se a verdade está na Palavra, será encontrada pelos investigadores inteligentes.

Dizem que a concha canta como o mar; facilmente se poderá saber, é só encostá-la ao nosso ouvido. A Bíblia fala da sua origem Divina? Sigamos o mesmo exemplo e encostemo-la ao nosso ouvido e ouçamos. Não deixemos penetrar outras vozes — os clamores da parcialidade, do orgulho, da descrença premeditada e do coração traçoeiro — e ouviremos a música celestial.

E assim devemos “investigar as Escrituras” tal qual como o nobre povo da Bereia que, com prontidão intelectual, procurou o testemunho revelado e que muitos acreditaram! (Atos 17.10-12). Devemos investigar e não apenas passar um descuidado golpe de vista que nada desvenda nem revela. Lembrem-se da famosa joia nas cavernas de Dresden. O ovo com a clara de prata, a gema de ouro e dentro da gema uma joia preciosa! O melhor está sempre mais longe, e aquele que toca só na casca não encontra os tesouros escondidos aos olhos descuidados, como nas cavernas de Dresden.

Tiremos uma lição das abelhas. Vejamos como elas pousam nas flores, e se demoram para extrair do coração dessas flores o suco adocicado que se encontra numa bacia mais bela do que alabastro.

A nossa maior necessidade é o estudo diligente e honesto das Escrituras com demora nas flores celestiais, e uma devota penetração que toque no coração da Palavra de Deus. Aquele que extrai o mel não necessita de outra prova do que o cálice da flor que contém o néctar. Todo aquele que

armazena nas células simétricas da memória e do coração os tesouros da verdade de Deus, e encontra completa satisfação e prazer nessa verdade, não necessitando de outras provas, poderá exclamar:

***“Quão doces são as Tuas palavras ao meu paladar!
Mais que o mel à minha boca”***

(Salmo 119.103)

Artur T. Pierson